

DADOS PARA UMA HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA DO CEARÁ

(1603 - 1750)

CARLOS STUDART FILHO

Ao Dr. Augusto de Lima Filho

(CONTINUAÇÃO)

PADRE ALVARES DA ENCARNAÇÃO

A vida do padre João Álvares da Encarnação, exemplo edificante para as almas cristãs em desespero e estímulo forte para as suas horas de desfalecimento e tibieza, transcorreu no período lacunar da crônica cearense que vai de 1603 — quando, pela primeira vez, pervagaram longamente as nossas praias oceânicas homens vindos da outra banda do Atlântico — até meados do século XVIII, época em que ocorreu, entre nós, a extinção da Milícia de Cristo.

Pertence, pois, tóda inteira, à fase catequista da história nordestina, fase cujo estudo poderá ainda oferecer ao analista perquiriente um verdadeiro mundo de sugestões etnográficas e sociológicas.

Perdida, assim, nas dobras de um passado uma grande parte nebulosa, ela se nos apresentava, até bem pouco, também pejada de dúvidas e incertezas, mesmo para especialistas na história da Igreja brasileira.

Os raros aspectos fundamentais de sua interessante personalidade, que nos eram familiares, divulgara-os Loreto Couto através da biografia romanceada que dêle nos legou em seu livro “Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco”, sem dúvida das mais belas sumas jamais escritas sobre os valentes soldados da Reconquista.

Á maneira de tantas outras nobres existências que se consumiram obscuramente na prática da caridade e do dever, a vida do Padre João Álvares da Encarnação caíra, pois, no quase esquecimento dos homens, em geral desmemoriados, ingratos e interesseiros.

O Barão de Studart, sempre minudente e preciso em seus escritos, versando os nossos fastos regionais, diz-nos simplesmente que o Padre João Álvares foi "um dos notáveis missionários vindos ao Ceará e que pertencia à congregação de S. Felipe Néri". Acrescenta ter êle nascido em Trucunhaém, Pernambuco, a 4 de março de 1634, e falecido no Convento do Recife, vítima de uma afeção cancerosa.

A tão poucos informes, acrescento, o Bispo de Pernambuco, Frei Francisco de Lima, em papel de 1698, ter sido êle um "grande servo de Deus que, por muito tempo, continuou o trabalho de doutrinar os índios das aldeias do Ceará" (39).

Últimamente, porém, o historiador Dr. Augusto de Lima Filho, ao revolver os arquivos peninsulares, no afã de descobrir documentos ligados à evolução histórica nacional, ali encontrou e trouxe ao conhecimento do público, divulgando-os, interessantes informações relacionadas com o notável filho de Pernambuco (40).

Completados os parcíssimos dados de que dispunhamos acêrca do Padre Álvares da Encarnação e reconstituída, sôbre bases novas, a sua vida, tôda consagrada ao bem de seus semelhantes, vemo-lo avultar e aparecer como uma das grandes figuras da sociedade cristã universal.

Integrado no patrimônio dos valores humanos da cultura euro-americana, surge, rival em sofrimentos, labôres e rígidas virtudes destoutros insignes varões que se chamaram Anchieta, Francisco Pinto, Figueira ou Souto Maior, religiosos cujos méritos tanto admiramos e que são, a cada passo, lembrados e exalçados pelos escritores, nacionais e estrangeiros, que dêles se têm ocupado.

Fôsse jesuíta, e os cronistas da Companhia tê-lo-iam de há muito colocado, com justiça, nesse plano superno onde pairam os missionários

(39) Ver Doc. para História do Brasil, Doc. n. 485. Carta de junho de 1698.

(40) Semelhante fato pode ser considerado verdadeiramente auspicioso para os cultores da história pátria, porque a documentação encontrada lhe serviu de ponto de partida para escrever o capítulo intitulado: "Um Santo de Pernambuco e do Ceará". Figura êste em seu livro "Notícias Históricas", publicação magnífica que apareceu no Rio em edição Livros de Portugal, onde é analisada com clareza a vida do Padre Álvares da Encarnação. O cuidadoso trabalho de Augusto de Lima Filho tem outro merecimento não menor: — além de remodelar essa parte da nossa história eclesiástica, história ainda tão escassamente frequentada pelos homens de letras do País, o autor, tomando por base os preciosos achados que realizou, nêle reconstitui, em seus verdadeiros aspectos, vários episódios da crônica brasileira até agora envoltos em atmosfera de dúvida e incertezas por alguns narradores apressados. Dêsse erudito escrito nos servimos largamente na feitura do presente estudo.

da Ordem que, pelas boas qualidades morais, exercícios apostólicos e austeridade, se fizeram verdadeiros heróis do dever e da fé (41).

Marcado, embora, desde os primeiros dias, para a glória da eterna bem-aventurança, não lhe aureolou, porém, a fronte de nascituro, à maneira de São Domingos, Inácio de Loiola, Francisco Xavier e outros vultos excelentes da Igreja, a coroa do nobre; não consta, igualmente, ~~Certo~~, que, entre os ancestrais imediatos, figurassem homens notáveis nas ciências, letras ou artes.

Terceiro filho dos cinco que houve um casal de humildes imigrantes portugueses, nasceu o Pe. João Álvares da Encarnação na localidade de São Lourenço da Mata, Capitania de Pernambuco, no dia 4 de março de 1634.

O pai, Antônio Jorge Guerra, viera ao mundo em Santo Estêvão da Tacha, arcebispado de Braga, e a mãe, Isabel Taveira, era originária da Ilha de S. Miguel, dos Açores.

De procedência humilde, teve, ainda muito jovem, de empregar-se no serviço da caça, "mostrando, porém, já nessa época, — assegura-nos um cronista — muito grande inclinação para tudo que eram virtudes!"

Enquanto isso sucedia, a luta contra a Holanda, cuja índole expansionista a impelira a mandar contra nós tropas de conquista, tocava ao fim. Novos contingentes de luso-brasileiros eram, porém, incessantemente reclamados para a defesa da pátria comum e apressuramento da vitória definitiva das nossas armas.

Inspirado no propósito de livrar ^{o irmão} para engrossar as hostes dos patriotas, alistou-se na milícia, abraçando exabruptamente uma carreira que tanto repugna às almas contemplativas.

Os dias vividos ao rubro clarão dos combates, que se desenrolavam no cenário épico do Nordeste, convulsionado pelos horrores de uma campanha demorada e cruenta, e o trato de homens, cuja pauta de conduta era larga e elástica, não conseguiram, porém, desviá-lo dos louváveis propósitos de dedicar-se ao serviço de Deus, para o qual sempre se sentira irresistivelmente atraído.

Como bem poucos de seus camaradas de farda, soube, pois, resistir aos vendavais da corrupção e da insensatez, que tanto se haviam exa-

chamado

(41) Loreto Couto omite inexplicavelmente todo êsse dramático e agitado período da existência do Pe. Encarnação dizendo simplesmente: "Deu, desde a idade juvenil, prognósticos certos de sua futura santidade, com a madureza de seus bons costumes. A bondade da índole, ajudou muito a boa educação de seus pais. Esteve em seu poder até receber ordens de presbítero, porém vivendo nos tráfegos dos séculos, chamado por divinas inspirações ao silêncio dos claustros, elegeu o estado de congregado, e no convento de Santo Amaro de Olinda pediu humildemente a roupeta. Foi admitido com contentamento daqueles varões apostólicos, e vendo-se em estado das maiores obrigações que se havia pôsto de consagrar-se todo ao serviço de Deus, obrava nas duas vidas ativas e contemplativa com incansável aplicação.

cerbado durante aquêles negros dias do nosso passado histórico, e, dê-se modo, permaneceu um soldado de coração limpo e alma pura.

O término da guerra, com o feliz triunfo da causa luso-brasileira, alcançou-o já alferes, pôsto a que havia ascendido por fôrça de sua bravura e dedicação aos interêsses da pátria e do rei.

Sendo-lhe facultada a permanência na atividade, em condições assaz vantajosas de vez que atingira o oficialato, preferiu dar baixa e recolher-se à obscuridade, para melhor cumprir a sua vocação.

Não foram, como vimos, desencantos ocasionais, nem revolta de homem ferido por fundas injustiças, mas decorrências íntimas que o levaram a abandonar a carreira militar e retornar à vida de pobreza e sacrifícios.

Apenas egresso das fileiras, quis, sem perda de tempo, tomar o hábito. Ao escolher a Regra religiosa sob cuja autoridade teria de servir, deu preferência à Ordem do Seráfico São Francisco e, por ser de poucas letras, nela desejou professar as obrigações laicais.

“Porém Deus, — regista a crônica — que o havia eleito para mais alto estado, por meio de um religioso parente seu, o moveu para que, com todo o cuidado, se applicasse ao estudo de latinidade, tendo já a idade de 27 anos. E no espaço de seis anos se aperfeiçoou nesta arte, ficando com ela apto para os designios com que Deus o dirigia”.

O acontecimento marcante dessa fase difícil da sua torturada peregrinação terrena, fase de provação e labôres acurados, não foi, todavia, o seu trato com as letras clássicas, mas o encontro que teve com o Pe. João Rodrigues Vitória, sacerdote que viria a exercer benéfica e decidida influência sôbre seu destino.

Representante típico da boa catolicidade reio da época, passara o clérigo lusitano ao Brasil no decidido propósito de levar os benefícios da fé ao selvagem, de cujas misérrimas condições de existência e trabalho houvera notícia na outra banda do Atlântico.

Tinha êle agora a seu cargo uma aldeia de silvícolas sediada a cinco léguas de Trucunhaém, lugar de residência do antigo militar e onde ambos travaram relações pessoais.

Apesar de estarem situados os dois na mesma linha espiritual de bondade, abnegação e cordura e de serem, por índole, votados à obra de salvação da alma rebelde do gentio, muito diferiam, todavia, pela cultura e conhecimento das coisas de Deus. Isso bem o percebeu João Álvares, que, encantado com a grandeza de propósitos do seu novo amigo, e tomou por mestre e confessor, com êle passando a trabalhar — no trato dos selvagens que iam catequizando.

A forte e santa camaradagem, tão bem alicerçada na prática da caridade e no trabalho e que parecia destinada a prolongar-se para bem dos conversos que ambos dirigiam, foi de curta duração.

Na época, andando em novas peregrinações missionárias pelo sertão, veio ter à aldeia onde habitava o venerável Pe. Duarte do Sacramento, que, inteirado da clara e pura vocação apostolar do moço pernambucano, o tomou sob sua proteção, levando-o consigo para Olinda.

Dos mais límpidos valores morais que dignificaram o clero da Colônia, fôra o Pe. Duarte do Sacramento um personagem de especial relêvo na côrte joanina.

Preocupado, à maneira de alguns dos seus coevos, em restituir à classe sacerdotal portuguesa os fortes elementos espirituais que haviam sido suas melhores características, então quase desaparecida na voragem de esplendores materiais, unira-se o Pe. Duarte do Sacramento, então credenciário da Capela Real, a outros eclesiásticos e, com êles, assentara fundar, sob a égide de Nossa Senhora das Saudades, uma congregação devota.

Destinava-se esta não a perquirir a verdade, através de fundas elocubrações filosóficas, mas a fortalecer a alma dos congregados pela penitência e prática de obra edificantes.

Constituída de clérigos na maioria diretamente ligados aos serviços religiosos do monarca lusitano, e abrigada sob as regras de São Felipe Néri, ficaria, a nova Ordem, desde logo debaixo da chefia do Pe. Bartolomeu do Quental, que, até aquela data, vinha exercendo as funções de confessor, capelão e pregador da côrte de D. João IV e de quem partira a oportuna idéia congregadora.

“Mal ensaiava, porém, a confraria seus primeiros atos de estabelecimento, quando chegam ao reino” notícias desalentadoras acêrca da situação espiritual em que se encontravam os habitantes de Pernambuco. Havia ali a grave carência de sacerdotes e os moradores andavam minados pela incredulidade.

Ciente dos perigos que ameaçavam a sociedade cristã daquela terra, que tão perto estivera de perder-se para sempre em mãos de estrangeiros heréticos, assentou o Pe. João Duarte do Sacramento passar sem dilação ao Brasil, em companhia de outro sacerdote, o Pe. João Rodrigues Vitória. Assim tangidos das forças misteriosas do destino, vinham ensinar ao povo a verdadeira crença, defender os bons costumes e amparar o gentio.

Êstes novos paladinos da Igreja romana chegaram às terras brasileiras em fins do ano de 1659, iniciando, desde logo como férvido empenho, a prática dos piedosos propósitos que os levaram a desprezar as blandícias da côrte pelos selváticos chãos americanos (42).

(42) Ver Augusto de Lima Júnior, “A congregação do Oratório e suas igrejas no Recife”, in “Notícias históricas”, Rio, 1954.

Não obstante inspirados pelo espírito de Deus, tinham avaliado mal a grandeza e complexidade dos trabalhos que iriam enfrentar e que estavam a exigir o esforço e cooperação de um número bem maior de obreiros de Cristo.

Reconhecendo o fato, “resolveu o Pe. João Duarte do Sacramento fundar um recolhimento, ou hospício, onde se formassem missionários e servisse de base e descanso, para as expedições missionárias e pouso para os que delas regressassem fatigados ou doentes”.

Pondo-se ao trabalho, e após as naturais delongas que tal empresa haveria de suscitar, acharam-se os dois sacerdotes, em 1662, na posse da ermida de Santo Amaro, distante meia légua da cidade de Olinda, e que, depois de ampliada com alguns aposentos, passou a servir-lhes de residência e colégio.

“Aí tomou o Pe. Sacramento o hábito da congregação por suas próprias mãos e o impôs ao companheiro. Era a roupeta de pano de serrapilheira parda, cingida por uma correia sem voltas; na cabeça um barrete de 4 cantos”.

* * *

É, pois, a essa casinha, ainda tão pobre em galas e tradições mas que iria ser o ninho de missionários e pregadores famosos, onde já então se encontravam reunidos os primeiros componentes da nova congregação brasileira, a que se acolhem os dois intinerantes.

Entre paredes austeras, feitas de barro e pau a pique e de grosseiro rebôco, recebeu João Álvares a pobre roupeta de seminarista e, em 25 de março de 1664, fêz os primeiros votos de congregado.

Adotou, no solene momento, o sobrenome de Encarnação, por ser esse “o dia do calendário católico em que se celebra o mistério preliminar da Redenção”.

Postulante afeito, pela vida disciplinadora da caserna, à obediência consciente e consentida, “obrava, assegura-nos Loreto Couto, nas duas vidas, ativa e contemplativa, com igual aplicação”.

Piedoso ao extremo, sentia-se feliz no desempenho das obrigações mais chãs daquela comunidade onde encontrara o verdadeiro ambiente e iria consagrar-se sem reservas ao cumprimento da sua vocação.

Procura, também, nas mortificações espirituais e na prática do ascetismo, tanto quanto no trabalho físico, eficazes meios de santificação pessoal. Na sua acendrada devoção, sofre constantes jejuns e sacrifícios. Flagela-se a miudo e de cilícios atormenta a carne moça; molesta-a, imitando, sem o saber, aquêles velhos crentes dos descampados e cálidos desertos africanos que, segundo afirmativa de escritor da

nossa época zurziam e castigavam o diabo nas próprias espáduas encarquilhadas e nos peitos ofegantes de angústia (43).

“Com êstes exercícios de mortificação acompanhados de muita oração foi continuando o noviciado até que, completo êle, lhe deram a geral aprovação” (44).

* * *

Começou, pou depois, a faina catequista, indo, em companhia dos clérigos da Ordem, arrancar as rudes massas caboclas à escuridão do seu viver primitivo.

A êsse tempo, andavam os índios tupis em rebeldia, espalhando o terror entre as gentes da Colônia. Despejados das terras patrimoniais antes mesmo da invasão batava, tinha a elas voltado em suas correrias desabaladas e hostis aos brancos.

Urgia, pois, desarmar-lhes a ferócia, fazê-los retornar à paz e reiniciar, outrossim, a desatendida cristianização das selvas, levando até às suas gentilidades a luz do Evangelho. E como manejasse com perícia a língua geral, que aprendera ao tempo de soldado, não teve dificuldades em realizar a conquista espiritual dos rebeldes e aldeá-los.

Em suas marchas e contramarchas pelo país, fundou, assim, várias missões, a primeira das quais teve o nome de São Miguel. “Nesta, como nas outras, assistia, — informa-nos o cronista — com relativa freqüência, vindo os padres a elas de tempos em tempos apenas para administrarem o sacramento” aos neófitos.

Estava João Álvares empenhado nessa obra de redenção do gentio, havia já dois anos, quando o Padre Duarte do Sacramento assentou mandá-lo a Portugal para completar os estudos e ordenar-se padre.

Tal decisão, tomada em virtude de não haver em Pernambuco “quem com dignidade episcopal o governasse”, causou ao interessado profundo constrangimento.

Homem bom e intensamente religioso, mas de aspirações rasteiras, a simples idéias de vir a exercer o clericalo o confunde e atordoia. Na autoconsciência do seu demérito, julga a honra excessiva e descabida, pois o único desejo é permanecer o obscuro operário da vinha do Se-

(45) Pedro Calmon, “José de Anchieta, o Santo do Brasil”, conferência realizada no Instituto Hist. e Geog. Brasileiro em 29 de junho de 1933.

(44) “Tanto se apertava com os cilícios — esclarece-nos a crônica da Ordem — que, sem nota grande dos companheiros, os não pôde continuar e tanto cresceu esta que levados aquêles do zelo da sua vida e saúde, noticiaram ao nosso venerável Pe. João Duarte do Sacramento, como o irmão João Álvares da Encarnação já conseguia endireitar-se pelos muitos cilícios com que macerava o corpo. Tendo essa notícia o nosso padre chamou e com suas próprias mãos lhe tirou o cilício com que cingia todo o corpo que era o maior, querendo o mortificar com nova e esquisita mortificação lhe pendurou ao pescoço, mandando-lhe que andasse nesta forma todo um dia, nos atos da comunidade, o que tudo fêz prontamente o Servo de Deus, sem repugnância alguma”.

nhor que sempre fôra. Assim, desfeito em prantos, que entremostram a humildade do seu coração, pede lhe seja poupado aquilo que lhe parece o maior dos sacrifícios (45).

A sua modéstia, porém, é vencida por êsse outro sentimento que nêle não era de menor fôrça — a obediência. “Rendendo o próprio querer à vontade do superior e sujeitando-se ao que lhe ordenava êste, se embarcou para Lisboa na era de 1664”, talvez ainda sem compreender porque fôra êle, e não outro mais credenciado, o escolhido para as grandezas do sacerdócio.

Ao fim de três anos de permanência na Metrópole lusitana e à custa de muito esforço e perseverança, recebia João Álvares da Encarnação as últimas ordens sacras.

Volta à pátria e, cheio de entusiasmo e espírito de sacrifício, vai iniciar o ciclo de suas atividades doutrinárias no Rio Grande do Norte.

Assiste primeiramente em Paratumbi, pequeno núcleo cristão por êle mesmo fundado “com resíduos dos caboclos que ainda não tinham sido agregados às outras aldeias”.

Em obediência às ordens dos superiores, transfere-se, depois, para uma aldeia de Tapuia, sita no lugar Santo Antão, erguendo sempre ao alto a cruz de Cristo e exaltando as excelências da tradição católica, essa tradição que nos ficaria como legado das gentes portuguesas.

“Aqui, — insiste o cronista — tomou um modo de vida ainda mais penitente e abstinente que se pode imaginar o qual guardou quase por tôda a vida”.

“A confiança em Deus — assevera Loreto Couto — fazia desprezar perigos, não fraquear nos trabalhos, desejar perseguições, não temer os demônios, vencer dificuldades, gloriar-se com as afrontas, e viver nas adversidades constantes. Nas suas enfermidades esperava de Deus os remédios e de tal sorte se via assistido da esperança neste Senhor, que sempre a trazia por companheira nas suas jornadas e caminhos. Macerava o corpo com contínuos jejuns, sustentando-se com ervas, legumes, e com fruta agreste chamada catolé. Era o seu coração de bronze pela fortaleza, porém tão penetrado do fogo do amor divino, que, em seus afetos, não parecia senão o mesmo fogo do divino amor. Quando considerava, falava, fazia e padecia, tudo era movimento da ardentíssima caridade com que amava constantemente a Deus. A devoção a Maria Santíssima era princesa primorosa que presidia no côro das suas

(45) Relatando a vida piedosa do nosso biografado, dêsse modo consigna o incidente o cronista da Ordem: — “Ouvida a proposta pelo nosso irmão João Álvares, feitos seus olhos duas fontes de lágrimas, tudo foram súplicas, tudo rogos, pedindo-lhes não quisesse dar tão alto estado e que o melhor favor era constituí-lo perpétuo cozinheiro da Congregação, que só era o que queria e só para isso prestava e que dêsse tão alto estado, qual era o de sacerdote, não era digno”.

virtudes, para obrigá-las a exercitar com decôro tôdas as funções concernentes à honra e ao serviço do seu bendito filho. Do amor do próximo procedia o ardente zêlo, e fervoroso afeto, com que acudia, e se ocupava, em remediar as indigências do corpo, e da alma, porque a tôdas se estendiam os incansáveis desvelos da sua admirável caridade. Era muito humilde no falar, e no trato, que se via obrigado a ter com os homens, tudo respirava abatimento próprio, por fazer de si um baixíssimo conceito”.

Com a mesma piedade cristã pelos gentios, passa-se, meses mais tarde, e ainda por ordem expressa dos superiores da sua congregação, para a Aldeia de Tapeçurama, onde deveria permanecer até a partida para o Ceará.

* * *

Se eram em geral precárias as condições religiosas e morais das populações que viviam na faixa costeira do Brasil Norte-Oriental, onde morejava o nosso padre, piores o eram, sem dúvida, as da Capitania do Ceará Grande, convertida, desde seus primeiros dias, em valha-couto de vadios e criminosos.

Dêsse estado de coisas, tão pouco lisonjeiro para os nossos foros de catolicidade, teve, por certo, conhecimento D. Estêvão Brioso de Figueiredo, ao inteirar-se das necessidades espirituais da sua diocese, quando assumiu, em 1678, o episcopado de Pernambuco na qualidade de primeiro bispo. Bom pastor de almas, sentiu-se na obrigação estrita de levar pronto remédio a um mal que poderia eternizar-se, e como nenhum clérigo secular, da sua jurisdição eclesiástica, consentisse em tomar á sua conta a grandiosa e edificante tarefa, apelou para o Pe. Duarte do Sacramento, pedindo-lhe mandasse alguns dos seus infatigáveis obreiros empreender a redenção daquela terra que ameaçava abismar-se na impiedade e no vício.

A notícia dos anelos que torturavam o piedoso bispo, circulando célere entre os membros da Igreja local, chegou aos ouvidos do Pe. João Álvares da Encarnação, que, julgando, na sua exaltação religiosa, dever caber-lhe tôda inteira a benemerente e oportuno incumbência, de pronto se apresentou ao seu superior hierárquico para realizá-la.

Aceita a sua oferta, ao Ceará se transportou êle em companhia do Pe. João do Rosário, outro nobre representante do sacerdócio católico. Tem 35 anos e está, malgrado a vida rude e passional que levara, na plenitude da sua fôrça física.

“Inflamado do ardente desejo de conquistar almas para Jesus Cristo, e alcançando dos superiores a faculdade que tanto desejava, partiu — diz-no Loureto Couto — para o Ceará e assim que chegou à

destinada baliza das suas apostólicas fadigas, é incrível a ânsia com que principiou a cultivar aquela agreste e dilatada vinha”.

Ressaltamos igualmente as privações que curtiam e propósitos da cleresia que lhes vinha pregar o Evangelho, nem a importância social dos seus trabalhos apostólicos, e por isso, ao invés de ajudá-la a levar a bom termo a sua pesada missão, lhe criavam os maiores obstáculos.

Já alinhamos cronologicamente, em outro escrito da nossa pena, os nomes dos beneméritos varões que, sem curar das suas fôrças, sem medir as fracas possibilidades de êxito, tiveram o destemor de passar ao Ceará no desempenho do sagrado múnus de caçadores de almas para Deus (46).

Como nos outros pontos do nosso território que iam sendo progressivamente incorporados ao patrimônio da coroa lusitana, nas pegadas do reinol aventureiro e dominador, já haviam há muito penetrado no Ceará os missionários, levando o nome de Cristo.

Mais interessados andavam, porém, os lusos-brasileiros aqui radicados com o lado material da existência e com o tirarem da terra e dos habitantes nativos todo o lucro que lhes pudessem proporcionar, do que com assuntos religiosos de qualquer natureza. Jamais reconheceram, portanto, os bons o quanto de energia necessitavam para livrar os índios recém-convertidos dos perigos mundanos que os cercavam, quando no convívio dos brancos.

Recordemos apenas que, em razão dos muitos sofrimentos materiais e das hostilidades de que eram alvo constante, pouco tempo se demoravam em chãos da Capitania os heróis propagandistas da fé, fato que repercutiu desfavoravelmente na vida social e religiosa da pequena comunidade luso-brasileira porque dava lugar a repetidos colapsos nos trabalhos dos catequistas.

Assim sucedeu em 1669, quando o Pe. Jacó Cócleo, inaciano encarregado, desde 1662, do doutrinamento das aldeias indígenas sediadas na Capitania, recebeu ordens terminantes para que largasse tudo e, com seu irmão de hábito, o Pe. Luís Machado, se dispusesse a voltar sem tardança a Pernambuco.

A ordem peremptória de regresso, embora partisse dos superiores da milícia inaciana no Nordeste brasileiro, fôra dada a pedido dos próprios missionários do Ceará.

Defensores natos dos silvícolas, nem sempre haviam podido suportar sem protesto os atentados de que eram vítimas seus pupilos, e essa atitude de justa revolta havia aberto fundas divergências entre êles e

(46) Ver “Dados para uma história eclesiástica do Ceará”, in Revista do Instituto do Ceará. Ano 1955.

as gentes brancas e mestiças do pequeno núcleo demográfico que era a aldeia do Forte.

Constituíam-na, em verdade, homens na sua maioria de poucos escrúpulos e que não tinham em mente outro propósito senão o satisfazerem os próprios interesses, para o que não trepidavam em saquear as terras dos índios, roubar-lhes as mulheres e filhas, a quem transmitiam vícios e taras, tudo realizando com a plena anuência das autoridades da terra. O fato em si nada tinha de inédito; nos quatro cantos da Colônia vinha de longa data ocorrendo abusos semelhantes. No Ceará, o emprêgo indevido de silvícolas missionados para fins defesos assumia, porém, porporções e aspectos inusitados e revoltantes. Referências a tais abusos enchem, aliás, os documentos antigos e transbordam para as páginas da nossa crônica regional.

Quedavam-se, pois, praticamente improdutivos os prodígios de labor e heroísmo a que eram obrigados os padres para levar a efeito a conversão dos gentios e depois conservar os neófitos em paz com as suas crenças.

Foi em face da flagrante inutilidade dos seus esforços para redimir o nativo que haviam tomado a resolução de solicitar transferência para um campo de trabalho menos sáfaro.

“Largavam os Jesuitas obrigados do mau tratamento dos Capitães-mores e dos soldados, que experimentavam não só nas suas pessoas, mas também nas dos índios e índias, usando destas para as suas torpezas, e daqueles para suas granjearas, sem lhes satisfazerem o seu trabalho”.

Estas palavras são do bispo Frei Francisco de Lima, em carta a El-Rei, datada de 26 de junho, dando-lhe conta da situação em que encontrara a capitania do Ceará “em ordem do regime espiritual dos moradores e soldados”.

Ainda que justificada, a defecção dos briosos soldados de Lóiola teve, como se disse, conseqüências verdadeiramente danosas para a catequese: — as aldeias cristãs passaram ao cuidado exclusivo do capelão do presídio, ficando, em conseqüência, sem amparo religioso eficiente e continuado.

Por isso mesmo, mais pesadas se fizeram sentir sôbre elas, também, a mão tirânica e interesseira das autoridades administrativas e militares da capitania e o desumano arbítrio da soldadesca. Em razão dos fatos apontados ocorrera o inevitável: — a obra apostolar, criada pelos jesuitas à custa de tantos e tão ingentes sacrifícios, mergulhara no caos.

Ao aportarem, ao Ceará, os dois oratorianos atravessaram, pois, os trabalhos missionários mais um dos seus momentos difíceis. Traziam,

como lema, o esforçarem-se pela valorização econômica, cultural e religiosa do homem nativo e restabelecer a tranquilidade espiritual nos lares cristãos da pequena colônia. Seguiram, pois desde logo, aquêle preceito só 200 anos mais tarde enunciado com tôda clareza e oportunidade por Sua Santidade o Papa Pio XII, na mensagem do Natal de 1943, mas que sempre serviu de norma para orientar a ação dos grandes líderes da Igreja, quando o vendaval da impiedade ameaça abalar e subverter os alicerces da fé. Dêsse modo, também êles não ficaram inativos no meio das ruínas (47). Pondo com vigor mãos ao trabalho para reerguer das cinzas a malograda empresa, os filhos de Santo Inácia fizeram com que cedo de novo se ouvisse, nas aldeias cristãs, a doce repicagem dos pobres sinos das suas igrejas.

No propósito de chegar à alma dos nativos não percorreram, porém, os padres recém-vindos, os caminhos já trilhados pelos seus antecessores na mesma seara. No afã da recuperação material e religiosa do gentio, não puseram em prática o princípio didático de ensinar recreando, preconizado de longa data pelos jesuítas e por êles usado sempre com tanto sucesso para levar a efeito o milagre da conversão dos silvícolas.

Conquistaram-lhes as boas graças usando apenas as fôrças de persuasão, e as armas da caridade e da virtude.

Para consolidar de vez a obra benemérita que Deus lhe reservara, têm, todavia, de se haver a miúdo com a soldadesca inculta e depravada que presidiava a fortaleza de Nossa Senhora da Assunção e com as autoridades administrativas prepotentes e interesseiras, de cujo arbítrio tudo depende. Um simples capricho seu podia pôr em grave perigo e até aniquilar de uma vez o labor paciente e construtivo dos missionários. Ora êstes — assegura a crônica da Ordem — costumavam divertir “aos índios por causa das suas conveniências de estarem as aldeias”.

Reivindicando para si o papel de paladinos dos direitos dos nativos, apelam os dois ministros de Deus para os sentimentos cristãos dos mandões da terra, a quem apontaram a injustiça do seu procedimento, servindo-se dos índios “como escravos não lhes dando lugar para buscarem de comer para seus filhos”.

Falam aos moradores, recordando-lhes a origem católica da sua formação espiritual e pregando a união fraterna de nativos e luso-brasileiros, como irmãos em Cristo. Tentam, visava dêsse modo, propiciá-los em favor daqueles deserdados filhos da terra e com ambos formar um bloco social coeso e solitário. Todavia os fiéis não quiseram com-

(47) “Não fiquéis inertes no meio das ruínas. Despertaí para o trabalho de reconstrução de um novo mundo social para Cristo. Mãos à obra”.

preender o verdadeiro sentido das suas palavras, sequer vislumbram o que representava para a economia privada de cada morador e para o desenvolvimento da nascente Colônia a pacificação dos selvagens, cujo braço era, pode dizer-se, o único instrumento de trabalho de que dispunham. Nada de útil granjeiam, pois, os seus esforços.

O capitão-mor, por seu lado, presumindo-se na posse de um direito que realmente não lhe assistia, qual o de explorar descomedidamente o índio em seu exclusivo proveito, respondeu às insinuações do padre Álvares da Encarnação de maneira grosseira e incisiva. Estava, porém, tal resposta bem de acôrdo com a mentalidade da época: — “El Rei me deu, disse êle, esta vinha para eu vindimar em paga dos meus serviços e não lhe hei de deixar baga”.

Na sua incomensurável avidez, esquecia que a defecção dos padres podia acarretar uma nova desorganização das aldeias missionadas e provocar a revolta não só dos seus habitantes como dos próprios íncolas silvícolas.

Entrementes, o Pe. João do Rosário, seu abnegado colaborador, levado por motivo de doença e fundas incompatibilidades com os dirigentes locais, regressava a Pernambuco.

Apesar de todo humilde cordura, revolta-se, também, o Padre Álvares da Encarnação, e, afrontando o prestígio da autoridade e as conveniências humanas, sobe ao púlpito no tempo da quaresma para verberar o procedimento dos moradores no trato dos índios missionados.

Fêz mais: na Semana Santa, quando os católicos buscam a Deus para a reconciliação, a nenhum dos impenitentes admitiu ao banquete da Santa Eucaristia (48).

Tudo foi inútil. Ninguém quis renunciar a velhos hábitos, nem abrir mãos de privilégios materiais que lhe pareciam justos.

Vendo frustrados os seus intuitos de modificar a norma de conduta do Capitão-mor, em relação aos filhos da terra, e levar os colonos pelo caminho da razão, resolveu o representante de Cristo viajar para Pernambuco em busca de apoio oficial e dos auxiliares que carecia para prosseguir, com maior vigor, na sua investida espiritual contra a impiedade.

(48) Aludindo especialmente à ação catequista do Pe. Álvares da Encarnação no Ceará, adiantou o autor dos “Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco” o seguinte: “Não se podem, escreve êle — reduzir a números os trabalhos e vigílias que constantemente tolerou, os caminhos fragosos, e inacessíveis, pelos quais muitas vêzes descalço discorreu, os perigos e ciladas a que heroicamente ofereceu a vida para atrair à fé os corações de idólatras, merecendo por êstes evangélicos ministérios ser chamado apóstolo desta missão. Os índios reduzidos a fé assistia com santos conselhos, e eficazes exortações, e virtuosos exemplos, para que no exercício das virtudes redimissem o tempo perdido em idolatrias; e aborrecidas as trevas da gentildade, amassem a luz do Evangelho, que os tirou do abismo, e cativoiro das sombras da culpa, para a ditosa liberdade da graça”.

Deixando os brasilienses entregues à sua imutável e mesquinha existência cotidiana, para lá abre rumo por terra, em virtude de ser demorada e difícil a condução marítima.

O que seria a longa marcha, que empreendeu pelas praias nordestinas, inçadas de tapuias bravios e truculentos e tendo para alimentar-se apenas alguma farinha de pau e precários frutos das caçadas e pescarias de índios da escolta, fácil é imaginarmos. Semelha as tristes odisséias vividas antes dêle por outros viajantes que, *pedibus calcantibus* tiveram de passar as capitânicas vizinhas do Levante através daqueles mesmos caminhos.

Alcançando Olinda, não mais encontrou com vida o Pe. Duarte do Sacramento, seu chefe e protetor. Escolhido, no ano de 1685 para suceder na mitra de Pernambuco a D. Estevão Brioso de Figueiredo, eleito bispo de Funchal, falecera antes de lhe ter chegado de Roma a Bula Pontifícia com que Sua Santidade o confirmara na alta dignidade eclesiástica.

Varria a então vila pernambucana terrível surto de febre amarela, e como lhe fôssem urgentemente reclamados os serviços para administrar os sacramentos aos enfermos, deixou-se ficar por algum tempo naquela terra desolada pela morte.

A epidemia, principiada em 1686 e que se propagou a Salvador, capital da Colônia, veio a ceifar a vida do Arcebispo D. Frei João da Madre Deus (49).

Amainada a tormenta que tantos claros abrira na população local, pois só em Recife morreram duas mil pessoas, deu-se pressa em regressar ao Ceará. Semeador infatigável deseja, sem perda de tempo, reatar a sua grande obra redentorista e manter viva a chama da fé no coração dos caboclos rudes e crédulos que êle havia aninhado à sombra protetora da Cruz.

Trabalhando sem folgares, pregando e batizando sem desfalecimento, abroquelado apenas pelas armas da virtude e da caridade, logrou o nosso padre ampliar de tal modo a ação catequista que ainda hoje, considerando o vulto das suas realizações neste setor, ficamos tomados de verdadeiro assombro. Construiu, com efeito, nos 30 anos de estada em terras cearenses, nada menos de 30 igrejas de pedras e cal, igrejas que são hoje — assevera-nos um dos seus biógrafos — matrizes de ci-

(49) O Dr. J. F. da Silva Lima escreveu na Gazeta Médica da Bahia um trabalho denominado "Documentos e Notas acêrca de Biche" (Febre Amarela) que reinou em Pernambuco e na Bahia nos anos de 1686 e 1694.

dades e vilas, nascidas de aldeias de índios fundadas por êle. Deu, outrossim, notável desenvolvimento aos trabalhos de propagação das virtudes cristãs entre colonos.

Chegado à extrema velhice e já valetudinário, o pêso dos anos e dos muitos achaques que o molestavam jamais teve força para levá-lo a solicitar dispensa das obrigações missionárias, que continuavam sendo todo o seu enlêvo e a razão da sua vida. Atacado, por fim, de grave enfermidade física, e como lhe minguassem de forma irremediável as energias físicas, cedeu ao chamamento dos superiores, recolhendo-se ao Convento da Ordem, no Recife. "Aí — informa Loreto Couto — perenemente assistia no confissionário, dirigindo as almas pelo caminho da Salvação".

Corroia-lhe o organismo combolido e doentio atroz moléstia consumptiva, a cujo tratamento, dizem as crônicas, "não applicava outra medicina que a da paciência". Tendo olhos e coração sempre voltados para as coisas do céu, desejaria, de certo com isso, agravar os próprios sofrimentos acrisolados pela dor, melhor merecer as recompensas eternas.

Vítima do câncer, trazendo no corpo a marca da miséria física e reduzido à pobre condição de ser humano amolgado e torcido pelos sofrimentos e canseiras do seu viajar incessante, findou-se o grande apóstolo do Ceará quase ao completar 86 anos de idade, a 29 de setembro de 1719, véspera da festa da Natividade.

Ao sentir próxima a hora derradeira, ou, como diz Loreto Couto, "a hora de passar do trabalho dêste mundo para o eterno descanso", "confessou-se e pediu os mais sacramentos com humildade e os recebeu com grande reverência e abundância de lágrimas".

Moribundo, seu último lampejo de vida é para solicitar, de público, "perdão aos presentes e ausentes e, abraçado com a imagem do seu amantíssimo senhor crucificado, lhe entregou a alma, cerrando a sua vida com a chave de ouro de uma preciosa morte".

Para sempre adormecendo o Pe. Álvares da Encarnação em seu leito de dores, logo determinou Frei Francisco de Lima — sucessor de D. Matias Figueiredo e Melo no sólio episcopal de Pernambuco — que, em inquérito regular, se lhe estudasse o comportamento no seio da comunidade católica do Ceará. De tal indagação foi encarregado o Pe. Raimundo Alexandre da Fonseca, segundo vigário da freguesia de Aquirás.

O que apurou o pároco jaz perdido nos arquivos; nada sôbre o assunto foi até hoje publicado. Sabemos, todavia, que Loreto Couto e

os cronistas que fazem referência à vida do Pe. José Álvares, atribuem-lhe o poder de praticar milagres (50).

Tantos e tão valiosos serviços prestados à causa da difusão do credo católico em todo o Nordeste, a santidade da sua vida e a grandeza das realizações, no campo social e religioso, não impediram, porém, como se disse, que a sua lembrança cedo se desvanecesse da memória dos homens. O tempo, que torna efêmero e faz esquecer tudo, cumpria o seu destino...

O PADRE JOÃO LEITE DE AGUIAR

Da comunicação preláica ao rei resultou o alvará régio de 10 de dezembro de 1696, ordenando, entre outras medidas saneadoras, que o bispo provesse a paróquia do Ceará sem concurso na pessoa do padre João Leite de Aguiar, ricoleto do hábito de São Pedro, ou em qualquer outro sacerdote que melhor merecesse dirigí-la.

O eclesiástico, nominalmente apontado no documento oficial, reunia, ao que presumimos, os difíceis predicados necessários ao desempenho dos deveres do pároco, pois o próprio bispo tinha-o em alta conta "pelo muito préstimo e bom zêlo" que demonstrara quando estivera exercendo a catequese no Ceará.

Aldeados os Anacé e os jaguaribara por Fernão Carrilho, durante sua primeira passagem pelo govêrno da capitania nordestina (1694), fôra, com efeito, o padre *João Leite*, assistir êstes indígenas por ordem do Bispo D. Matias de Figueredo, o que constituia uma prova de

(50) A taumaturgia do apóstolo do Ceará é, aliás, grande. Dos muitos milagres registrados pelo escritor pernambucano, trasladaremos para aqui os que se nos afiguram mais sugestivos e importantes, embora sabendo que escalas humanas não podem medir o valor das realizações divinas. Vão transcritas na mesma linguagem pinturesca e evocativa em que foram consignados no livro — "Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco": — Sendo o varão de Deus chamado para administrar os sacramentos a um enfêrmo de perigo, e que vivia em distância de seis léguas, chegando — diz Loreto Couto — às margens de um dos rios, que fertilizaram a companhia, viu que as águas iam mui rápidas, e profundas pela crescente ocasionada das chuvas, e não se atreveu a tentar o vau, em que reconheceu manifesto perigo se resolvesse a passá-lo a pé. Achando-se confuso à margem do rio, reparou que estava parecendo na ribeira um poldro e chegando-se a êle, o achou de tanta mansidão, que tomou a resolução de montar nêle para passar o rio. Entrou pelo rápido, e profundo das correntes, arrebataram estas o bruto e o levaram a um profundo redemoínho que faziam as águas, donde algumas voltas o sorverem, desaparecendo aos olhos dos índios, que os acompanhavam. Voltaram êstes para a sua povoação tão tristes como certos da morte do seu padre, e dando a seus companheiros notícias dêste a seu parecer funesto sucesso, saíram todos a vadear o rio para descobrir o corpo. Nesta diligência passaram tôda a noite, e parte do seguinte dia sem acharem o que procuravam; e quando já determinavam voltar para sua aldeia, viram, não sem grande admiração, que o servo de Deus aparecendo na ribeira contrária, entrou pelas correntes, se submergiu nas águas, e caminhando pelo mais profundo saiu a terra não só com vida livre, senão com hábitos secos e enxutos sem sinal da umidade alguma.

grande obediência a seus superiores e de não menor devotamento à causa missionária.

Apesar de ser o nosso sacerdote assim prestado aos interesses da Igreja e contar com as boas graças da coroa, não se apressou o bispo em cumprir integralmente a ordem da metrópole, elegendo-o, desde logo, para o cargo de vigário colado do Ceará. Fê-lo apenas vigário encomendado da paróquia.

Explicando, mais tarde, a atitude tomada, alegava D. Francisco de Lima, em uma das suas cartas, que o padre Aguiar havia sido alvo de censuras e queixas por parte dos fiéis cearenses; murmúrios cujo teor ele muito estranhara mas cuja veracidade não pudera até então averiguar (51).

Como tais circunstâncias fôsem desfavoráveis ao padre, o prelado julgara mais prudente tomar aquela providência acomodadora. Contemporalizara, dizia, “esperando que seu proceder daí por diante no árduo pastoreio das almas” o fizesse merecedor de ser elevado à posição de vigário colado.

Desgraçadamente tal não devia suceder.

“Correu a voz do apêto em que se achava o capitão Carlos Ferreira, que com a sua companhia estava de guarnição da fortaleza do Ceará, por lhe terem dado um tiro, e despedaçado o ombro direito com duas balas. Determinou fazer-lhe uma visita em prova do amor que lhe tinha, e achou o enfêrmo nimiamente aflito. O cirurgião lhe dava poucas horas de vida, por não acertar a tomar-lhe o sangue. Tomou o servo de Deus por sua conta a cura da chaga, e pondo-lhe umas fôlhas de tabaco, atou o ombro com o lenço do seu uso e se retirou para sua residência. Sentiu logo grande alívio, e que calmava suas terríveis dores, deixando o movimento do braço, e restituído as suas vigorosas forças. Clamava dizendo estar perfeitamente são, e que lhe desatassem a atadeira das feridas; e assim se executou, e com a admiração de todos, que estavam lastimados da sua fatalidade, se acharam sarados os ossos inteiros, com sinal leve das cicatrizes.

“Compadecido, outra vez, o varão de Deus dos extremos lastimosos de um rapaz índio, que, subindo a uma laranjeira, se lhe cravou pela pupila do olho direito um espinho, o tirou com brandura, e pondo-lhe da sua saliva calmaram no mesmo ponto das dores, que eram, veementíssimas, se cerrou a ferida, sem ficar cicatriz alguma, e se ficou um pequeno sinal vermelho como para rubrica dêstes milagres.

“Algumas vêzes tem sucedido enganarem-se algumas pessoas comendo assadas as mandiocas cuidando ser o alvim (aypis) e, se lhes não acodem com remédios prontos, sentem os terríveis e mortais efeitos dêste veneno. Este engano padeceram dois homens, e sentindo grandes ânsias no coração. Lembrando-se das piedades que o servo de Deus usava com os afligidos, por um dos assistentes lhe pediram o remédio. Chegou o enviado a sua presença sem dizer ao que vinha, lhe disse o venerável padre: volte irmão com pressa para acudir a fulano, a quem em água fria dá a beber o que neste papelinho (eram pós de açúcar branco) e confie em Deus, que livrará do perigo. Fulano já não carece de remédio. Admirado de ver que o servo do Senhor lhe eram presentes sucessos distantes, voltou apressado para o lugar onde estavam os enfermos, e achou ser um já falecido e que o outro não tinha de vivo mais que a frequente e trabalhosa respiração de agonizante, e bebidos os pós de açúcar ficou de repente livre do extremo perigo.

“Outros muitos milagres constam de várias tradições os que se provaram no dito sumário foram os referidos, que bastam para provar da sua virtude, e santa vida”.

(51) Quando Fernão Carrilho fêz descer do sertão grande número de Anassés, situando-os em Paramirim, oito léguas ao Norte de Fortaleza, e também de Jaguaribaras que se aldearam a sete léguas ao Sul das mesma vila, foi o padre João Leite de Aguiar mandado para missioná-los pelo bispo D. Matias de Figueredo (B. de Studart).

Chegando à sede da sua paróquia, deparou-se ao padre João Leite de Aguiar um ambiente cheio de inquietudes e expectativas mas, de certo modo, propício ao desempenho dos seus deveres de sacerdote (52).

Tendo sido a sua nomeação acolhida, ao que presumimos, com gerais simpatias, êle granjeou, desde logo, as boas graças das autoridades militares e benevolência dos moradores antes tão hostis e agressivos

Seus começos em chãos cearenses foram, pois, auspiciosos; parece mesmo que logrou desfrutar de uma indiscutível autoridade moral sôbre a gente da terra.

Era, porém, uma tarefa realmente difícil manter boas relações com aquêle núcleo de fiéis, núcleo onde a ordem, a disciplina e o respeito à lei não eram normas dominantes.

Desavindo-se, mais tarde, com os soldados e colonos por circunstâncias ocasionais ainda não perfeitamente esclarecidas, viu-se o padre Aguiar por êles novamente inculcado e perseguido. Iniciaram assim, os seus dias de amargor, dias tão temidos por todos os que missionavam no Ceará.

Vítima de ataques, vexames e mesmo de violências, teve, desde então, o Padre Aguiar aventuras só comparáveis às vividas pelos jesuítas que, para aí tendo ido a fim de trabalhar na difusão do Evangelho, haviam caído também no desagrado das autoridades encarregadas de administrar a colônia.

Sôbre o padre novamente convergem, pois, tôdas as cóleras e desabam as increpações mais graves.

Acusam-no, com a maior acrimônia, de negligenciar seus deveres de pastor de almas, de afastar-se do convívio dos fiéis para ir residir em sítio distante duas léguas da vila, onde possuiria um curral.

Censuraram-no mesmo, em documento público, de ter sucumbido cedo às inevitáveis tentações da carne, sob cujos agulhões vivia tôda

(52) De 14 de dezembro de 1696 há uma Carta Régia ao padre João de Aguiar, missionário do Ceará, comunicando-lhe a remessa de ornamentos para as capelas dos índios. É vasada nos seguintes termos: Eu, El Rey, etc. Havendo visto o q me escrevestes sôbre o q tendes obrado nas Missões do Ceará e necessidade em q se achão as capelas, em q dizeis missas aos índios, de ornamentos ligeiros: me pareceis mandar-vos dizer q pelo meu Conselho Ultramarino se remeteu ao provedor de minha fazenda o q pedis para q" a ordem do Bispo os haja de entregar ao Pároco ou Missionário q" tiver à sua contra a Igreja em q" ha de servir".

Há ainda sôbre o mesmo assunto uma carta Régia de 4 de janeiro de 1697 ao Provedor da Fazenda Real de Pernambuco assim concebida: Havendo mandado ver o que me escreveu o padre João Leite de Aguiar, missionário nas missões do Ceará, do que tem obrado na conversão dos índios Jaguaribaras representando serem-lhe necessárias alguns ornamentos para os altares das capelas do mesmo gentio que êle aldeou... me pareceu mandar-vos remeter o que êste missionário pediu para que a ordem do Bispo os hajais de entregar ao Pároco ou Missionário que tiver à sua conta a igreja em que há de servir.

a gente da Colônia. A maledicência chega até a lhe atribuir viver irregular e licencioso em companhia de índias e mestiças.

Tais acusações eram absolutamente infundadas, conforme apuraria mais tarde o Padre João Alves da Encarnação em inquérito regular, mas o prestígio do sacerdote estava irremediavelmente comprometido. Sua permanência à frente da paróquia se tornara, assim, desaconselhável.

Vencido e desalentado teve êle, pois, de renunciar definitivamente ao cargo passando a Pernambuco.

Expondo o incidente ei-rei, com a finura de diplomata ou de quem não deseja tomar partido nem comprometer-se, escreveria, mais tarde, D. Francisco de Lima o seguinte: "foi, o Pe. João Leite, para aquela capitania e com sua chegada não há dúvida que naqueles princípios se pôs aquela igreja em boa paz; querendo, porém, evitar os escândalos e excessos com que uns e outros viviam ou fôsse por não se haver com prudência necessária ou por exceder os termos da correção de sorte se odiou com todos, principalmente os soldados".

PADRE JOÃO DE MATOS SERRA

Urgindo, porém, dar substituto ao pároco resignatário, para que não arrefecesse de todo o ímpeto da expansão católica no Ceará, a escolha do Bispo se fixou na pessoa do Padre João de Matos Serra, clérigo português, residente havia já cinco anos em Inhame, distante duas léguas de Recife.

Aí êle se fizera notado como homem de letras, orador sacro e sacerdote de largas virtudes.

Não era, por certo, o novo pároco dos grandes luminares da Igreja Católica de seu tempo. Devia, porém, ter aparecido, ao angustiado bispo, perfeitamente capaz de tomar sôbre os ombros a grande e meritória tarefa de conciliar os ânimos exacerbados dos brancos e incrementar, nos indígenas os sentimentos religiosos que eram o esteio da paz.

Convidado a ocupar o cargo vocante, anuiu o padre João de Matos, sem dúvida, depois de relutar longamente. De antemão, sabia os percalços de dificuldades que iria enfrentar e isso o teria, certamente, induzido a não se mostrar demasiado solícito e apressurado em aceitar o cargo.

Em março de 1698, partiu êle, não obstante, para o Ceará, onde iria desenvolver com suprema energia, suas atividades de pastor de almas.

Nomeando-o apenas vigário encomendado, deu-lhe, porém, o prelado a jurisdição de vigário da vara, com a obrigação de devassar a conduta de seu predecessor (53).

Fôra-lhe ordenado igualmente fazer minucioso relato do estado em que se encontravam os negócios da religião no distrito eclesiástico que ia dirigir.

Cometera-lhe o bispo essas incumbências por não poder, êle próprio, transladar-se do Ceará em visita de correição, sem graves prejuízos para as demais partes do bispado.

Pedindo satisfação de seus serviços, informa Plácido de Azevedo Falcão que em 1700 "indo o Pe. João de Matos Serra por feitor das missões ao interior do sertão, a fazer missão", o acompanhou "nesta jornada, de que resultou reduzir-se à nossa Santa Fé as Três nações de Tapuias Icó e Xixiró, gentio até aquêlo tempo indômito, padecendo grandes por tempo de dois meses, que durou a missão e nas igrejas, que se levantarão assistiu à fábrica delas, pegando e trabalhando para que ao seu exemplo fizessem os tapuias o mesmo".

Foi esta, sem dúvida, a primeira grande vitória missionária alcançado pelo Pe. João de Matos Serra, no decorrer de sua tumultuosa existência em terra cearense e que lhe valeu, do que presumimos, o prêmio de ser nomeado vigário colado da Capitania.

De 12 de abril de 1703, ha, com efeito, uma C. R. mandando que vença os mantimentos de lei o Pe. João de Matos Serra, provido, pelo Bispo de Pernambuco, na vigararia da vila de S. José de Ribamar, em que já se achava colado e com posse tomada.

Era de gênio agressiva, como tanto outros sacerdotes que moirejavam no meio nordestino, toldado sempre por lutas contra os nativos, guerras de famílias, violências, rancores, vinganças e desafrontas; en-

(53) Sôbre a nomeação de Párcos e Missionários para o Ceará leia-se a C. R. de 17 de janeiro de 1698 ao governador e Cap. Geral de Pernambuco. Diz ela: "Caetano de Melo de Castro. Amo. etc. Havendo visto a conta que me destes pela Junta das Missões da dúvida que se nos oferecia a quem haveis de nomear Padre que assista na Aldeia que o Cap. João da Fonseca Ferreira se ofereceu situar no Ceará em suas terras por costumarem os Bispos prover as igrejas das aldeias e mandar para as Missões quem lhes parece sem conferirem com os governadores a escolha dos sujeitos sendo estas apresentações do padroado Real. Fui servido resolver que na nomeação dos Párcos ou Missionários que hão de assistir nas igrejas das Aldeias dos Índios se siga o estilo da nomeação que costumam fazer os Bispos de todas as Igrejas de ua Diocese com a minha autoridade como Mestre das Ordens, porém em razão do Ministério das Missões e diferença que ha destas as outras Igrejas, para as quais ha de concorrer o Bispo e igualmente que o Governador, lhe dará parte o Bispo das nomeações que fizer para as Igrejas das ditas Aldeias e dos sujeitos que escolhe para elas e as fará quando der lugar a ocasião dos provimentos declarando-as e conferindo-as na Junta das Missões que mandei formar em essa Capitania para que a todos os Ministros que nela hão de assistir com o dito Bispo e Governador conste dos Missionários que se ocupam nas ditas Aldeias e suas igrejas de que me pareceu avisar-vos e ao Bispo para ter entendido a resolução que fui servido tomar nesta materia". Escrita em Lisboa a 17 de janeiro de 1698. Rei.

volveu-se, por isso, em conflitos que ficaram célebres nos anais da terra cearense.

Depois de se ter oposto aos propósitos escravagistas do Mestre-de-Campo Morais Navarro que o acusou perante o Rei, em carta de 6 de maio de 1700, de lhe estar dificultando a missão de que se acha investido, fez parcial do Ouvidor Mendes Machado, participando, assim, dos tumultos e motins que, durante anos trouxeram em sobressalto os moradores da Capitania. Contendeu, também, com o Governador de Pernambuco, Felix José Machado, contra quem se queixou ao Vice-Rei do Brasil, D. Pedro Antônio de Noronha, 2º conde de Vila Verde e 1º Marquês de Angueja.

De tôdas as pendências, em que se viu envolvido, a mais longa, ruidosa e pitoresca foi, sem dúvida, a que sustentou ocntra os oficiais da Câmara de Aquirás por não ter querido ir residir naquela vila, nem para lá mudar a sede da vigararia.

Acumpliciado com o Capitão-Mor, que deseja permanecesse a Vila de S. José de Ribamar localizada junto à Fortaleza de N. S. d'Assunção, respondia sempre com evasivas às solicitações reiteradas dos camaristas para que transferisse sua residência para perto da barra do Iguape, onde fôra assentada a vila.

Em 1714, catorze anos, portanto, depois de fundada a vila, e talvez devida às suas constantes mudanças de sede, Aquirás não tinha ainda a sua matriz. Isso levou o Senado da Câmara a se dirigir, em carta de 16 de novembro daquêle ano, ao Vice-Rei do Brasil pedindo-lhe alguma ajuda de custo para se poder edificá-la.

Ignoramo se o pedido foi aceito. Se o foi, bem medíocre deve ter sido a dádiva pois, só dois anos mais tarde, concluia a ereção de uma capela na vila.

De 5 de novembro de 1766 ha efetivamente uma carta em que o Padre José de Matos Serra, acusando o recebimento de outra que lhe escreveu a Câmara de Aquirás avisando-o da ereção de uma capela na vila e pedindo para ir benzê-la e celebrar nela, prometia que em qualquer dia da semana vindoura iria satisfazer o pedido (B. de Stuardt).

Desesperados com a pouca atenção que lhes dispensava o vigário e reconhecendo a inutilidade de seus pedidos, recorreram, então, os camaristas ao cabido de Pernambuco que temeroso, de certo, de metter-se no conflito e ser desobedecido pelo turbulento clérigo, respondeu-lhes aconselhando, em carta de 28 de julho de 1717, a recorrer à sua Majestade, como já o haviam feito no tocante à mudança da vila,

Dizia, porém, que ordenara a ida para Aquirás do coadjutor do Reverendo Vigário com todos os poderes, menos o de administrar o

sacramento do matrimônio que era de alçada exclusiva do vigário, não podendo, portanto, ser transferido.

A sugestão foi aceita, tanto que, em C. de 30 de dezembro de 1717, solicita a Câmara de Aquirás a El Rei que faça efetiva a vinda, para aquêle lugar, do vigário com os respectivos ornamentos, imagens, confrarias e pede igualmente uma esmola por serviço de Deus. Na mesma data requeria ainda à Rainha e ao Infante Francisco Xavier uma esmola e um ornamento, uma custódia, uma lâmpada e um sino para sua igreja.

Ela já havia, a 22 de abril dirigido uma longa representação ao Governador de Pernambuco contra o Padre João de Matos Serra e o Capitão-mor Manuel da Fonseca Jaime que tanto o incentivava.

A solução do pedido só deveria chegar 4 anos depois. Foi a C. R. de 29 de julho de 1721, ao cabido sede vacante de Olinda determinando-lhe fizesse o vigário João de Matos Serra transferir-se para Aquirás sob pena de perder o lugar e ser responsabilizado e castigado. Diz o documento:

D. João etc. Faço saber a vós Rdo. Cabido sede vacante da cidade de Olinda que eu sou informado que tendo mandado por repetidas ordens minhas a Va. de S. José do Ribamar do Ceará se mude para o sítio dos Aquirás por ser o mais conveniente para os moradores da capitania se não pode conseguir essa mudança pela encontrar o padre vigário João de Matos Serra por todos os caminhos por ser muito poderoso dando muito mau exemplo aos freguezes com seus procedimentos e porque convem que se observe enviolavelmente a minha real resolução me pareceu encomendar-vos que logo façais ir assistir o dito Padre Vigário nos Aquirás não consentindo que persista na inobediência e fazendo ele o contrario que nomeis um clérigo que vos pareça mais capaz que faça o officio de Parocho na vila do Aquirás e não se pague a congrua ao dito Padre João de Matos Serra para que este castigo o intimide para em tudo executar o que tenho mandado e vos mandareis informar de seus procedimentos e não achando como devem ser os de um parochos e do mau exemplo de suas ovelhas que n'este caso procedais neste particular conforme forem suas culpas.

La. 29 de julho de 1721. (Coll. Studart).

Esta determinação regia foi renovada em tēmos quase idênticos a 8 de agôsto de 1721.

Ordens e ameaças do Rei não surtiram, porém, o desejado efeito pois

a situação da igreja cearense continuou inalterada, conforme se pode ver dos termos da Carta de 31 de janeiro de 1726, dos camaristas de Aquirás ao Bispo D. Frei José Fialho. Retomando a sua luta já tantas vêzes perdidas, nela pedem, com efeito, aquelas autoridades ao antiste fizesse executar as ordens régias obrigando o cigano a ter residência na vila e não no povoado que havia junto à fortaleza.

Faleceu o Pe. João de Matos Serra pelas alturas de 1727,.

Nem mesmo depois de morto cessaria a agitação em tôrno do nome dêste sacerdote, pois seu espólio foi, pelo Vigário Alexandre da Fonseca, embargado a pedido da Confraria de S. José, "em cujos bens êle se tinha intromitido..."

PARECER DO BISPO

Dando, mais tarde, conta pormenorizada ao Rei dos acontecimentos de caráter social e religioso que se iam desenrolando na diocese, em carta datada de 1698, lembrava o prelado ao monarca uma série de medidas de cuja realização esperava muitos benefícios para a vida espiritual da Capitania Nordeste.

Assim propunha êle, entre outras coisas, que as funções de vigário da Capitania e de Capelão do Presídio fôsem desdobradas. Tornadas independentes, deveriam ser elas entregues a dois sacerdotes, erigindo-se, desde logo, na povoação do Forte, uma igreja destinada a representar o papel de matriz da freguezia.

A capela da fortaleza, centro até então de tôdas as atividades religiosas, passaria a servir apenas ao capelão da tropa que nela realizaria os officios divinos e administraria os sacramentos à soldadesca.

Tais medidas visam afastar a tropa do vigário e evitar, por êsse modo, que, entre êles, ocorressem os habituais atritos e as desinteligências tão nocivas aos superiores interêsses da Igreja e mesmo aos do Estado.

O vigário, por seu turno, devia imbuir-se de um maior espírito de compreensão e transigência, e, assim, abster-se de interferir na vida privada dos soldados e, nada mais, de censurá-los em público por deslizes insignificantes.

Seu espírito realista, levou-o a abordar igualmente a precípua questão dos vencimentos a serem adjudicados aos eclesiásticos.

Assim opinava que ao capelão se desse as duas praças que vencia o vigário e mais algumas propinas, vantagens pecuniárias sem as quais não seria possível encontrar quem aquiescesse a ir servir em tão distantes e desoladas paragens (54).

(54) Sôbre o que escreve o Bispo de Pernambuco D. Frei Francisco de Lima acêrca

Ao vigário caberia 50\$000 de ordenado e mais 23\$920, importância que se daria para os fornecimentos da matriz (55).

A exiguidade da pecúnia, havida pelos eclesiásticos, fôra, como vimos, a causa principal da repugnância que sempre êles demonstravam em seguir para as esbaziadas terras cearenses (56).

Entrementes, o zêlo pelos interêsses da religião e o desejo de estender aos naturais da terra cearense os benefícios da palavra de Deus levaram o antístite a encaminhar para o Ceará dois padres amaristas que deviam repartir, com o Padre João Álvares da Encarnação, os duros encargos da catequese e prestar-lhe assídua cooperação espiritual.

Chegados ao destino, passaram os recém-vindos a administrar duas das quatro aldeias de índios tupís, existentes na Capitania nordestina e até então dirigidas pelo Pe. Álvares da Encarnação.

Sob a alta e eficiente proteção do bispo Frei Francisco de Lima abria se, dêsse modo, promissoramente mais um período de atividades missionárias, atividades que ficariam ignoradas quase por completo.

Constantes, então, as queixas e representações levadas diretamente ao Rei pelos colonos do Ceará contra os missionários, acusando-os de usar os índigenas ao saber de seus interêsses pessoais. Foi isso certamente o que deu lugar à C. R. de 22 de janeiro de 1700 para D. Fernando Mascarenhas ordenando-lhe "não consentir que os missionários usem dos índios para outra cousa que não seja das que se requerem para a Missão e o sustento, que necessitam".

Do mesmo mês e dia ha outra C. R. sôbre os índios da Capitania do Ceará e os serviços que os missionários podem exigir dêles. (B. de Studart).

Visando ainda proteger os nativos contra a violência dos colonos e da suposta ganância dos missionários, houve por bem S. M. criar, em 5 de novembro de 1700, o cargo de juiz privativo das causas dos índios e nomear para exercê-lo o Ouvidor Geral da Capitania.

Em 11 de janeiro do ano seguinte, em carta dirigida a D. Fernando Martins Mascarenhas, S. M. regulava a venda e compra dos índios, as quais deveriam ser feitas com ordem do juiz do distrito, depois de comprovado o direito do senhorio. (B. de Studart).

Na mesma data eram os missionários advertidos de que não podiam mudar as aldeias do local onde se haviam estabelecido.

do Estado em que achou as missões daquela capitania, e vai a carta, que acusa (carta de maio de 1698).

(55) Informações sôbre o estado da Capitania do Ceará em ordem ao regime espiritual dos moradores e soldados (1698).

(56) Ignoramos como foram recebidas as sugestões do Bispo e quais as providências ordenadas pelo rei.

E R R A T A

À pág. 38, no lugar de Trucunhaeem,	leia-se: Trucunhaém
" " " Acrescento, o Bispo etc.	" Acrescenta-se o Bispo etc.
" " " Divulgando-os	" Divulgando-as
" " " Afeção	" Afeção
À pág. 39, " " " De livrar o irmão para	" De livrar o irmão, chamado para
À pág. 40, " " " Reio	" Reinol
À pág. 41, " " " Então	"
À pág. 42, " " "	" É, pois, a essa casinha, ainda tão pobre em galas e tradições mas que iria ser o ninho de missionários e pregadores famosos, e onde já se encontravam reunidos os primeiros componentes da nova congregação brasileira, que se acolhem os dois itinerantes.
" " " Aobediência consciente e consentida	" A obediência consciente e anuída.
" " " Desaparecida	" Desaparecidos
" " " Como	" Com o
" " " Intinerantes	" Itinerantes
À pág. 43, " " " Pouo depois	" Pouco depois
À pág. 46, " " " Lusos-brasileiros	" Luso-brasileiros
" " "	" Ressaltamos, igualmente, as privações que curtiam a propósito da cleresia que lhes vinha pregar o Evangelho, sem a importância social dos seus trabalhos apostólicos e, por isso, ao invés de ajudar a levar a bom termo a sua pesada missão, lhe criavam os maiores obstáculos.
" " " Os bons o quanto	" Os bons propósitos dos
" " " Para livrar os índios	" missionários e o quanto
" " " Heróis	" Heróicos
À pág. 48, " " " Tentam, visava dêsse modo,	" Tentam, dêsse modo,
À pág. 48, " " " Os filhos de	" Dos filhos de
À pág. 49, " " " Humilde cordura	" Humildade e cordura
À pág. 51, " " " Combolido	" Combalido
" " " Os próprios sofrimentos acrisolados pela dor,	" Os próprios sofrimentos e, acrisolados pela dor,
À pág. 55, " " " Alves	" Alvares
À pág. 57, " " " Concluía	" Se concluía
À pág. 59, " " " Antístite	" Antístite
À pág. 60, " " " Saber	" Sabor